

A HISTÓRIA EM DIÁLOGO: IDENTIDADES, SUJEITOS E SABERES

Em tempos pandêmicos, seria impossível não começar saudando à memória dos falecidos e prestar os nossos sinceros sentimentos à todos aqueles que perderam seus entes queridos durante a pandemia do COVID-19, no Brasil soma-se até o presente momento mais de 616 mil mortos. Contudo, tem-se a esperança na vacinação para a passagem deste período tenebroso e tão logo voltemos à normalidade.

Neste entremeio, a produção científica jamais parou, aqueles que lutam na diversidade pela igualdade, justiça social e uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos também de igual modo se mantiveram a todo vapor, pois “o tempo não para”, a história é movimento de rupturas e continuidades e a produção do conhecimento histórico se faz nesse processo constante de mudanças.

Nesse sentido, aqui trazemos a história em movimento dialógico interdisciplinar com as múltiplas constituições identitárias dos sujeitos da história e com os diversos saberes presentes em vários espaços sociais desde a academia e sociedade.

Desse modo, delit@ leitor@, lhes fazemos o convite à apreciação dos trabalhos submetidos à Das Amazônias, Revista Discente de História da Ufac (em seu volume 4, número 2), que compõe o conjunto de periódicos da área de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal do Acre (Ufac).

Começamos com a produção “Residência Pedagógica: experiência na formação de professores de história na Escola Pedro Martinello” de Emanoela Maria Freire dos Santos, Huendson Vitorino da Silva e Derivaldo de Albuquerque Pinheiro, que traz reflexões sobre as relações entre escola, professor, residentes e alunos no processo de ensino-aprendizagem diante das novas possibilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as vivências no âmbito escolar e as intervenções pedagógicas propostas pelo programa Residência Pedagógica em uma participação direta dos residentes nas aulas de História.

O artigo “Etnogênese e Etnicidade do Reino Vândalo: apresentando um horizonte metodológico”, de Geraldo Rosolen Junior, discute e repensa a temática focando na etnogênese e identidades daquele espaço a partir da metodologia da Universidade de Viena, com a apresentação das categorias filológicas (Vandiles, Vandilios e Vandalorum) e a cultura material associada ao povo

vândalo do modo como haviam sido percebidas até meados de 1960, enquanto marcadores de uma continuidade étnico-racial desse povo e também, repensa-se a sua historiografia.

A produção “Meu Saber não é doença: breves considerações sobre o discurso racial em religiões afro-brasileiras e Santo Daime”, de Rodrigo de Sousa da Silva, estuda e problematiza as descrições e estereótipos sobre as religiões afro-brasileiras em contextos históricos distintos: período medieval, Brasil Colonial e terceira década do século XIX, tendo em vista a inferiorização de saberes a partir da imposição de uma superioridade racial.

O artigo “‘Homo Technologicus’: formação docente de História e Novas Tecnologias”, deste que ora escreve o presente editorial e noutros momentos atuou e atua em diferentes atividades da equipe editorial da DAM, contribui com considerações sobre a formação do docente em história e suas relações com as novas tecnologias, o papel das tecnologias em sala de aula e suas interações no ensino-aprendizagem para a constituição do conhecimento histórico. E percebendo as possibilidades existentes no diálogo entre a utilização dos recursos tecnológicos, levando em consideração os aspectos de facilidades e obstáculos sobre os considerados ‘nativos digitais’ no ensino-aprendizagem de história.

A produção “Os ‘heróis’ nacionais e uma história “a contrapelo” dentro da sala de aula”, de Suellen Gerlane da Silva, faz uma discussão acerca dos chamados ‘heróis’ nacionais dentro da sala de aula, tendo diálogo com a perspectiva de Walter Benjamin a história ‘a contrapelo’. Através da crítica ao pensamento positivista encontrado na prática educativa e em materiais didáticos.

O artigo “Fé e poder em Boa Vista/RR: uma reflexão a partir de fotografias da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo (1944-1950)”, de Juliana Cristina Sousa da Silva e Luís Francisco Munaro, analisa as culturas política e religiosa presentes no município de Boa Vista/RR tomando como ponto de partida os referenciais emprestados da semiótica da cultura, por meio de fotografias produzidas nas décadas de 1940 e 1950 relativas a eventos realizados ao redor da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo.

A obra “Ancestralidade e Modernidade: uma História de desamparo e intolerância”, de Julio Cesar de Almeida Duarte, demonstra que a intransigência subsiste desde os tempos do Brasil colônia, mediante uma abordagem histórica de como as práticas discriminatórias do estado português se enraizaram na sociedade nacional, dando privilégio a cultura europeia e desqualificando os saberes indígenas e africanos.

A produção “Diáspora, resistência e pandemia: ainda há muito a lutar”, de Mariane Gonçalves Bento, apresenta a dinâmica de opressão e violência persistente em terras brasileiras, essa crivada de

preconceitos. Relacionando como a pandemia, evidencia quão profundas são as amarras que prendem a situações de discriminação e intolerância, falta de um olhar mais empático com o outro, em especial o povo negro.

O artigo ““você não me pega, você nem chega a me ver””: a arquitetura de terreiros de candomblé em Fortaleza e região metropolitana, de Ozaías da Silva Rodrigues, discute a “invisibilidade” destes espaços em áreas urbanas da capital cearense. Através da literatura acadêmica, algumas pistas explicam a “invisibilidade” das casas de santo podem ser traçadas, como a histórica perseguição às religiões afro e também, a narrativa dos interlocutores que vivem nos barracões aponta outras perspectivas e nos mostra como este espaço possui outro tipo de estrutura, chamada de arquitetura de terreiro..

A produção “Santo Daime: uma miscelânea religiosa cabocla, afro-ameríndia e cristã”, Thayná Cristina Brito de Oliveira, aponta a mistura/hibridismo cultural da religiosidade na Amazônia, nascida no Acre, contando com o uso da ayahuasca e denominada de Santo Daime.

O ensaio “Desobedecer e de(s)colonizar: reflexões de transgressão epistêmica para valorização dos povos indígenas e negros”, de Andrisson Ferreira da Silva, trata-se de um estudo que segue um breve percurso de debates teóricos e convida à “aprender a desaprender”, no caminho da transgressão da colonialidade em suas diversas formas de disseminação, buscando a visualização da subjugação das populações negras e indígenas pela modernidade e a dominação dos corpos inferiorizados por uma ótica branca.

A produção “Comunidades ribeirinhas de Abaetetuba-PA na luta pela defesa e permanência do território tradicionalmente ocupado”, de Rosenildo da Costa Pereira, aborda a resistência dos moradores das margens fluviais da região na defesa do seu território para que a empresa Cargill não instale o empreendimento e cause prejuízos as suas formas de sobrevivência. Ao passo que, a organização usa de influência econômica e provavelmente política para tomar posse do espaço habitado por ribeirinhos, visando executar seu tão almejado projeto de desenvolvimento econômico do agronegócio para a região.

A obra à sete mãos, “Cursistas de Licenciatura em História no PARFOR (Ufac – Campus Floresta em Cruzeiro do Sul/2016 a 2020): obstáculos formativos a atuação em áreas diferentes de sua graduação”, de Antônia Francisnete Oliveira da Silva, Auvilene Pereira da Silva, Cláudia da Silva Magalhães, Francisca Artemísia Pereira de Mesquita, José Francisco Oliveira Andrade, Maria Jurgleide da Costa e Neila Neves da Silva, apresenta as experiências e vivências dos cursistas da Licenciatura em

História, do programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) realizado no Município de Cruzeiro do Sul, no *Campus* Floresta da Universidade Federal do Acre, no período de 2016 a 2020.

Por fim, a resenha “Uma breve história sobre as mulheres dos séculos XII - XIV e as lutas que enfrentam desde a Idade Média”, de Lucas Nascimento Assef de Carvalho. O autor sintetiza a História das Mulheres no Ocidente - O cotidiano do gênero feminino no final da Idade Média (1250-1500), de George Duby e Michelle Perrot, trazendo a perspectiva histórica sobre elas no período medieval.

Nessa epítome de trabalhos científicos historicamente produzidos ressalta-se as diversas contribuições e perspectivas trazidas pelos autores, nos auxiliam a pensar interdisciplinarmente a construção identitária de inúmeros sujeitos presentes em realidades sociais e diferentes temporalidades que continuamente produzem saberes. Salienta-se a importância do conhecimento histórico realizado no Brasil, principalmente nas *Amazônias* plurais em diversidades culturais, sociais, religiosas e políticas. Agradável leitura!

Ramon Nere de Lima
Membro do corpo editorial da Revista Das Amazônia